



O ESTADO DE S.PAULO

Julio Mesquita
(1891-1927)
DIRETOR:
Ruy Mesquita

ÍNDICE GERAL

CONTEÚDO LIVRE
ESPAÇO ABERTO
NOTAS E INFORMAÇÕES
NACIONAL
INTERNACIONAL
VIDA&
ECONOMIA & NEGÓCIOS
METRÓPOLE
CADERNO 2
ESPORTES
GUIA CADERNO 2
PARTICIPAÇÃO
ESPECIAIS
MERCADOS/FUNDOS

Estado de S.Paulo

Buscar

Busca local

LISTAO.com.br

Sexta-feira, 8 agosto de 2008

▶ [edições anteriores](#)

NOTAS E INFORMAÇÕES

ÍNDICE GERAL | ÍNDICE DA EDITORIA | ANTERIOR | PRÓXIMA

só assinantes **O ESTADO**
VERSÃO ADOBE em PDF

Links Patrocinados
[Anúncios Google](#)

O crescimento da classe média

Nas principais regiões metropolitanas brasileiras concentraram-se, no plano social, os efeitos mais nocivos da crise que o País viveu até o início da década passada. Desemprego, informalidade no mercado de trabalho, aumento da miséria e violência marcaram a história recente das metrópoles, e se mantinham até há pouco. São Paulo foi um dos exemplos mais notáveis da deterioração das condições de vida nas grandes cidades. Agora, com a retomada do crescimento, é nelas que surgem os melhores resultados.

Estudo da Fundação Getúlio Vargas (FGV) constatou que, em seis regiões metropolitanas - São Paulo, Rio de Janeiro, Recife, Salvador, Belo Horizonte e Porto Alegre -, diminui o número de pobres, cresce a proporção das famílias de classe média e aumenta também a porcentagem de famílias de renda alta. Segundo a pesquisa, não é uma melhora passageira, como ocorreu em outras épocas. Há solidez no processo de ascensão social nas metrópoles, o que deve assegurar sua continuidade.

Baseado em números da Pesquisa Mensal de Emprego (PME) do IBGE, combinados com os dados do Cadastro Geral de Emprego e Desemprego (Caged) do Ministério do Trabalho, o estudo constatou que, desde que foi superado o período de desaceleração da economia, ocorrido em 2003, primeiro ano da gestão Lula, a pobreza vem diminuindo.

É o inverso do que ocorreu nas décadas de 1960 e 1970, época do chamado “milagre brasileiro”, quando o crescimento econômico era acompanhado do aumento da desigualdade social. Diziam as autoridades, para justificar esse modelo, que era preciso fazer o bolo crescer para depois dividi-lo. O que se observa agora, diz a FGV, é que “o bolo continua crescendo com mais fermento nas classes mais pobres há mais de cinco anos, combinação inédita na história brasileira estatisticamente documentada”.

Vá para
Austrália

De um giro de 180
graus Estude e
Trabalhe na
Austrália

www.australiancentre.com.br

O processo demonstra grande vigor. De cada cem trabalhadores considerados em situação de miséria em janeiro deste ano, 32 tinham conseguido aumentar sua renda o suficiente para serem classificados em classes mais altas quatro meses depois. É um bom sinal de redução da pobreza, que se verifica desde 2004. Em abril daquele ano, das famílias das seis regiões metropolitanas pesquisadas, 46,13% estavam na faixa de pobres ou remediados. Em abril deste ano, a fatia se reduziu para 32,59%.

Cresce, por isso, a faixa considerada de classe média - família com renda mensal entre R\$ 1.064 e R\$ 4.590 -, que, conforme o estudo, em abril deste ano já abrangia 51,89% das famílias dos trabalhadores das seis regiões metropolitanas. Quatro anos antes, apenas 44,19% das famílias dessas metrópoles eram consideradas de classe média. Também aumentou a fatia das famílias que compõem a elite dessas regiões - famílias com renda mensal superior a R\$ 4.591. Era de 11,59% do total em abril de 2003 e, quatro anos depois, passou para 15,52%.

Também o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) divulgou estudo sobre a evolução da renda dos trabalhadores das seis regiões metropolitanas e, como os dados básicos são os mesmos, sua conclusão não poderia ser diferente daquela a que chegou o trabalho da FGV. O que muda, num trabalho e noutro, é a explicação para o processo de redução das desigualdades sociais e aumento da classe média nas metrópoles. Hoje dirigido por um economista vinculado ao PT, Márcio Pochmann, o Ipea deu ênfase ao papel das políticas do governo Lula de transferência de renda, especialmente o Bolsa-Família, e de correção do salário mínimo e dos benefícios previdenciários na melhora das condições de vida dos mais pobres.

É inegável que as políticas de transferência de renda têm um papel essencial no processo de redução da pobreza absoluta. Mas elas, isoladamente, não são suficientes para fazer crescer a fatia da classe média brasileira, que, como parcela da população total, já é proporcionalmente comparável à norte-americana - comparação que, evidentemente, não pode ser feita em termos de renda. A explicação para o aumento da classe média é, como deixa claro o estudo da FGV, a recuperação do mercado formal de trabalho. Como afirmam os autores do estudo, “a volta da carteira de trabalho talvez seja o elemento mais representativo do ressurgimento de uma classe média brasileira”.

Estadao.com.br | O Estado de S.Paulo | Jornal da Tarde | Agência Estado | Radio Eldorado | Listas OESP

Copyright © Grupo Estado. Todos os direitos reservados.